

Que sentido pode ter a obrigatoriedade do ensino da nossa língua se nom cabe o dever de conhecê-la por todos os galegos? E que sentido tem que a nossa língua seja oficial em Galiza se nom temos por que conhecê-la os que a tenhem por língua oficial? Que significa que o Galego é língua própria de Galiza se nom rege o dever de

GALEGO. OBJECÇOM DE CONSCIÊNCIA

Podera ser dito muito mais do professor e do homem, mas com certeza, as referências som suficientes como para fazer desnecessária qualquer tipo de justificação quando dizemos que estamos ante unha das figuras mais importantes da cultura galega do século XX. Investigador linguístico e literário, cultivador de romance e poesia, Ricardo Carvalho Calero marcou com a sua teorização linguística o caminho para a normalização da língua galega: Reintegracionismo linguístico e monolingüismo social.

Formado em Direito e Filosofia e Letras, membro do Seminário de Estudos Galegos, co-fundador do Partido Galeguista elaborado com Luís Tobio o primeiro anteprojecto do Estatuto de Autonomia. Membro do exército republicano, preso político, professor do ensino privado, Doutor em Filosofia e Letras com prémio extraordinário, membro da "Real Academia Galega", primeiro catedrático de Linguística e Literatura Galega da USC.

O bilingüismo individual é unha realidade cultural hoje imprescindível. Mas um povo nom pode ser logicamente bilingüe, como um indivíduo nom pode ser legalmente bígamo. Um povo nom pode usar indiscriminadamente duas línguas. Essa seria unha situação anti-económica e anti-higiénica. Representaria unha dicotomia mental e

BILINGÜISMO E BIGAMIA

in *Umha voz na Galiza*.

Segundo tal critério, na prática o galego seria unha língua para objectores de consciência. O galego seria no seu uso unha objecção de consciência. Assim como aos sequezes de certas seitas religiosas se lhes dispensa o uso das armas, assim aos sequezes da seita galeguista se lhes dispensaria o uso da língua estatal.

(...)

2 conhece-la e, portanto, o de estudá-la? Umha língua oficial que nom hai obriga de conhecer bem, portanto, estudar, como funcionará oficialmente? A língua oficial nom é precisamente a que nom podem escusar-se de conhecer os sujeitos à correspondente ordenação jurídica? Se eu nom tenho o dever de conhecê-la, como o meu filho vai ter o dever de estudá-la?, por que se chama língua oficial? Por que podó usá-la, se quero, perante as autoridades autonómicas? A isso se reduz a sua cooficialidade?

Ricardo Carvalho Calero

Textos tirados de:

-*Problemas da língua galega* (1981)

-*Da fala e da escrita* (1983)

-*Do galego e da Galiza* (1990)

-*Umha voz na Galiza* (1992)

-Revista "O Ensino"

Lembrando Carvalho Calero 15 anos depois

intervirám:

José Luís Rodrigues

Joel R. Gómez

19 de Abril
terça-feira

19:00

sala 19

fac. filologia usc



www.agal-gz.org

Apdo.27, Tui
Tfne: 609309780
www.mdl-galiza.org

Ricardo Carvalho Calero (1910-1990)



www.mdl-galiza.org



nº 4

3 umha volubilidade que nom suporia enriquecimento, senom incongruência e desorde. Essa situação nom é estável, e essa instabilidade teria que desembocar na monarquia daquela das duas línguas que possuísse maior potência social. É o caso da nossa terra. Mentres tanto, o que funciona é umha baixa diglossia, na que existe umha língua alta e umha língua baixa, situação que tem que resolver-se com a eliminação da língua menos rendível. O equilíbrio da cooficialidade pode dar-se como custosa prática nos boletins impressos polas autoridades. Mas o uso igualitário é umha utopia. Hai indivíduos polilíngues, mas um bilinguismo a nível de povo, de nação, seria patológico.

in *Umha voz na Galiza*.

NOM ESTAMOS SÓS

As fronteiras políticas nom podem impôr estranjeria a formas dialectais, ou simples falas, do mesmo idioma. O labordano é basco, o roselhonês é catalám, o aranês é gascom, o valom é francês, o flamengo é neerlandês, como o mexicano e o argentino som espanhol.

Nestas condições, o galego nom pode viver de costas ao português, pois o Minho nom é umha fronteira linguística...

in *Do galego e da Galiza*.

5

in *Problemas da língua galega*.

A postura antilusista, ou seja separatista, ou isolacionista, tem sentido desde umha perspectiva castelhanista. O que estime que o galego é umha antigualha inservível, ou simplesmente um expediente antieconómico, ou um insidioso atentado contra a unidade nacional, deve ser antilusista e antigaleguista; deve confessar-se abertamente castelhanista em matéria idiomática. A mim semelha-me mui razoável a postura que cuide anacrónico o suo do galego, sempre que chamemos anacronismo todo intento de restauração, e antieconómico todo esforço que suponha um esforço superior ao mínimo. É evidente que o uso do galego supom um esforço suplementar, e que se o suprimíssemos aforrariamos fluído mental. A necessidade do galego, evidentemente, nom se sente no ventre, como dizia Castela.

Mas se por motivos sentimentais ou políticos elege-mos conservar a nossa identidade idiomática, temos que correr todos os riscos e arrostar todas as conseqüências. Nom podemos contentar-nos com um galego popular construído exclusivamente a base do galego castelhanizado de hoje.

in *Da fala e da escrita*.

4

Nom me gostaria que a ortografia galega permanecesse indefinidamente tutelada pola castelhana ou lançada a solitários experimentos, fazendo uso dum arisco espírito de insularidade dentro do mundo românico, e desconectando-se, nom só do seu codialec-to o português, senom mesmo da sua própria história. Como nom se creia que a sua história é a história dos séculos em que viveu a-historicamente.

in *Da fala e da escrita*.

Muitos séculos de castelhanização temhem influído na mentalidade dos galegos de tal jeito que mesmo os galeguistas mais radicais revelam às vezes o seu castelhanismo no seu radicalismo. O nacionalismo linguístico que propugna o isolamento do galego, parece inconsciente manifestação de vassalage ao ponto de vista centralista castelám. (...) Nom é insensato ignorar ao português quando se trata de ordenar o galego. Muitos dos problemas que causam a perplexidade dalguns escritores galegos, foram resolvidos polo português em forma perfeitamente aceitável para nós. Andar ensaiando soluções que hai tempo foram contrastadas e seleccionadas polos nossos vizinhos, é jogo pueril ou cerril, ditado por umha indiferença ou umha xenreira perante o português, que parece resultado da inoculação de um vírus preparado por inimigos da pervivência do nosso idioma.

6

O PAÍS QUE NOM SABIA COMO SE CHAMAVA

(...) Ao desaparecer o cultivo literário do galego, desapareceu da fala residual o nome autêntico do país, e, como ocorreu com tantas outras designativas de conceitos de direito público civil ou canónico, a palavra galega foi substituída pola castelhana, temos modernamente Galicia -como Dios- no galego vulgar. Ao restaurarmos a língua literária, devemos restaurar Galiza como Deus, que é o que achamos na escrita histórica...

in *Umha voz na Galiza*.

"GALICIA OFICIAL" - GALIZA REAL

(...) Todo o mundo sabe que eu professo em matéria linguística as ideias tradicionais, as ideias de Castela, e como estas ideias são contrária à ideias que reinam no mundo oficial, no aspecto cultural, pois, não tenho muito predicamento, ao parecer, dentro dessas esferas. Consideram-me como um herege, como um cismático, ou como um corruptor da mocidade e se me exclue positivamente dos organismos oficiais.

in "O ensino", (entrevista).

